

A revolução social

Uma polêmica em torno da Revolução Mexicana (continuação)

Ricardo Flores Magón

Digam o que quiserem os inimigos da Revolução Mexicana, esta é de caráter marcadamente econômico. Desde o início afirmamos que o proletariado mexicano não pegou em armas pelo simples gosto de ter um novo carrasco. Desde o início dissemos que o povo mexicano pegou em armas porque tinha fome de pão e de justiça.

Os feitos, não as palavras, têm demonstrado que estávamos na posição justa, e, ainda mais, que temos trabalhado como verdadeiros revolucionários, buscando que o grande movimento tome uma orientação decidida para o comunismo. Esse é nosso dever de revolucionário sincero.

Alguns sociólogos de púlpito têm criticado o movimento mexicano porque não começou sendo claramente comunista desde o princípio. Pretendiam esses senhores, entre os que se sobressaem Luigi Galleani e Jean Grave, que a revolução social fosse obra de um dia, de uma semana ou de alguns meses, sem recordar que o mestre, Piotr Kropotkin, disse em uma carta datada de Londres em 15 de novembro de 1909, as seguintes sábias palavras: “Toda revolução se inicia timidamente com feitos de importância infinitamente pequena; mas toda revolução ascende à medida que se prolonga. Se ela dura dois, três, quatro anos; se os revolucionários são bastante inteligentes para não permitir a consolidação de um governo forte, essa revolução ascenderá até o comunismo. E se não se começa a revolução com

alguma coisa, ainda que seja bastante distante do comunismo, não se chegará nunca a nada, como na Rússia”.

Nossa obra de agitação por meio da ideia, e a agitação por meio da ideia e da ação de nossos bravos companheiros que sustentam a Bandeira Vermelha nos campos mexicanos, estão dando seus frutos: a prolongação do movimento, para que não volte a haver um governo estável no México, pois desde o princípio temos acreditado, como nosso velho camarada Kropotkin, que quanto maior duração tenha um movimento revolucionário, mais se radicalizarão as tendências; mais amplas são as aspirações populares e mais fácil é chegar ao comunismo.

Outro dos frutos de nossa incessante propaganda é a expropriação da terra e da maquinaria de produção. Há muitos números, *Regeneración* tem nos mostrado os atos de expropriação da terra levados a cabo por multidões de proletários que se tem posto a trabalhá-la com um fuzil atravessado. Os leitores de *Regeneración* terão visto que quando os proletários não podem sustentar a expropriação da terra, por falta de armas, arrasam as fazendas e os povoados para que, se eles tiverem que sofrer, que sofram igualmente os seus carrascos. Terão visto também os múltiplos casos de sabotagem, de greves revolucionárias, de consciência de classe dos proletários mexicanos.

A imprensa de todas as cores admite que não se trata de uma revolução política, mas de um movimento econômico, de uma guerra de classes que, se os libertários a fomentarem, terminará com o comunismo. E temos visto, igualmente, que, por instinto, por herança, o povo mexicano, povo não corrompido com os hábitos do arrocho, povo modesto, é apto para o comunismo, comunismo que, em parte, tem praticado por milhares de anos. Ademais, é sabido que o povo mexicano, odeia cordialmente a Autoridade e o Capital, apesar das prédicas do clero embusteiro.

El Imparcial, do dia 22 de março, ao falar do movimento revolucionário no estado de Oaxaca, disse: “As principais plantas de mudas de algodão de Jamiltepec foram destruídas pelos revolucionários. Para se salvar do ataque dos rebeldes em curso, algumas pessoas permaneceram nos bosques de Playa, escondidas vários dias, alimentando-se somente de cocos e tartarugas. Os povoados ao redor da propriedade de San José Ejutla desejam repartir suas terras e, de fato, dispõem-se a atacá-la”.

O mesmo periódico disse em 29 de março, ao falar do movimento revolucionário no Distrito de Tlapa, Estado de Guerrero: “A propriedade de Jicayán, propriedade do senhor Daniel Pérez Ruiz, foi esvaziada por completo. Os indígenas repartiram os terrenos e

os revolucionários levaram 20 mulas e 10 cavalos e incendiaram os campos de cana”.

O mesmo periódico, no dia 5 deste mês [abril], em um telegrama que remeteu seu correspondente em Oaxaca, revela a gravidade da situação naquele importante e riquíssimo Estado. Assim disse: “Como resultado das prédicas socialistas de certos agitadores, os indígenas de alguns pontos do Estado estão cometendo atentados. Vários, por causa da questão agrária, cortaram as colheitas de várias propriedades próximas, suprimiram a água de irrigação e realizaram outros excessos”.

O mesmo periódico disse em 7 de abril: “Seguindo os conselhos dos zapatistas que estiveram em Tepeaca; Estado de Puebla, alguns indígenas tomaram posse do terreno da fazenda de San Miguel La Pila, propriedade do senhor Luis Pacheco, e situada por aquele caminho”.

Estes dados, somados a todos os que têm sido apresentados nas colunas de *Regeneración* já há muitos meses, demonstram que o movimento é econômico e que não se necessita mais que boa vontade, firmeza e lealdade à causa do proletariado para que ao fim vejamos tremular triunfante a bandeira dos pobres, a gloriosa bandeira vermelha dos libertários mexicanos.

*
* *

Do periódico burguês, *El Intransigente*, diário da tarde que se publica na cidade do México, tomamos textualmente o que se segue:

“Os fazendeiros que Querétaro, que têm suas propriedades contíguas ao Estado de Guanajuato, encontram-se neste momento ameaçados de uma maneira terrível por seus peões, que estão pedindo à força tudo o que querem, sem esperar consegui-lo com o trabalho.

A Terra Que Eu Trabalho

Uma pessoa que acaba de chegar daquela entidade federativa, concedeu uma entrevista a um repórter do *El Intransigente*, na qual explica detalhadamente como ocorreram os fatos que levaram ao espanto alguns fazendeiros, pois se acredita que eles vão se repetir.

Os peões da fazenda de Espejo, propriedade dos senhores Legorreta, receberam seus antigos amos com uma tempestade de pedras, porque es-

tes reivindicaram o direito de atacá-los.

Não obstante sua rudeza, os trabalhadores do campo, inflamados pelas prédicas socialistas, contestaram seus amos que já não queriam seguir lhes dando a riqueza quando a terra em que trabalhavam eram deles, pois haviam trabalhado longos anos sem obter senão os mesquinhos frutos que lhes davam.

Deixaram-no Morto

Os senhores Espejo conseguiram fugir de suas propriedades, porém um deles teve que voltar a si do desmaio ao qual o conduziu a terrível chuva de pedras que lhe arremessaram seus antigos camponeses.

O estado que ficou o fazendeiro foi de tal gravidade que os peões o haviam dado por morto, e a isso se deve ter se salvado de uma morte certa o senhor Legorreta.

A Freira Misteriosa

A explicação de todos esses acontecimentos é dada por

algumas respeitáveis pessoas da seguinte forma:

Quando o senhor Madero andava em sua prédica revolucionária, apareceu pelos campos uma mulher vestida de freira, que vinha pregando por todas as partes a igualdade.

Aquela mulher proclamava a sedição, declarando que o peão devia pedir as terras e que os proprietários destas não eram os amos, senão os humildes. Que os trabalhadores do campo deviam pegar em armas, se fosse preciso, para exigir que fossem divididas por partes iguais a terra e seus produtos.

Em dois meses, a freira misteriosa havia percorrido a maior parte das fazendas que limitam o Estado de Guanajuato e deixou sua doutrina, que respondia às necessidades da gente do campo, gravada no coração de todo o mundo. Deixou também em todos os campos o nome de Madero.

Pouco depois os camponeses de Guanajuato pegaram em armas e em Querétaro a revolta não tardará a eclodir,

pois os magníficos resultados que deu aos peões seu levante na fazenda dos senhores Legorreta despertou o desejo de imitá-los.

Alguns fazendeiros do mesmo Estado de Querétaro optaram por dar milho e lugar aos seus peões para semear, livrando-se de perder suas terras ou de recorrer às forças das armas”.

A conduta destes dignos proletários está sendo imitada em muitas fazendas da República. Somente temos

que dizer que não é bom que os camaradas peões dividam a terra, porque no futuro ficará outra vez em poucas mãos e a miséria e a tirania serão o fruto do ato heroico da expropriação. Imitem os peões de outras regiões que tomaram a terra em comum.

A terra deve ser trabalhada em comum e os produtos consumidos em comum.

Que dirão agora os senhores Jean Grave e Luigi Galleani e tantos outros que se ufanaram de libertários e são os piores inimigos da revolução do proletariado mexicano?

Ricardo Flores Magón, anarquista com destacada atuação na Revolução Mexicana, foi membro do Partido Liberal Mexicano e do jornal *Regeneración*. A primeira parte foi publicada em *Regeneración*, núm. 86, publicado no dia 20 de abril de 1912 enquanto a segunda parte foi publicada no número 87 do mesmo jornal, editado no dia 27 de abril de 1912. Traduzido para o português por Vitor Ahagon e Adriano Skoda.